

# EDUCAÇÃO

ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Currículo, políticas e práticas



Américo Junior Nunes da Silva

(Organizador)

# EDUCAÇÃO

ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Currículo, políticas e práticas



Américo Junior Nunes da Silva

(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Educação enquanto fenômeno social: currículo, políticas e práticas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação enquanto fenômeno social: currículo, políticas e práticas / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0485-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.859221309>

1. Educação. 2. Ciências humanas. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: Currículo, Políticas e Práticas”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de pós-pandemia.

O período pandêmico, como destacou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada das atividades presencialmente, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade. Não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além de formar os sujeitos para “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves.

Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e formativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva







## REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.


GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papirus, 2016, p. 35-48.



## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA DAS MELHORES UNIVERSIDADES DO BRASIL   |           |
| Paulo Sérgio de Almeida Corrêa  |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213091">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213091</a>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>26</b> |
| (RE)CONHECIMENTO DE LEITURAS VIVENCIADAS POR GRADUANDAS DO CURSO DE PEDAGOGIA   |           |
| Maria Betanea Platzer   |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213092">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213092</a>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>31</b> |
| A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA  |           |
| Cristina Fátima Pires Ávila Santana   |           |
| Elis Regina dos Santos Viegas   |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213093">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213093</a>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>44</b> |
| A COLONIALIDADE DO SABER NO ENSINO DE FILOSOFIA: A NECESSIDADE DE MUDANÇAS NO CURRÍCULO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR   |           |
| José Eduardo Martins  |           |
| Rosa de Lourdes Aguilar Verástegui  |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213094">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213094</a>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>56</b> |
| A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE DOURADOS-MS   |           |
| Izabel Ferreira Santana   |           |
| Elis Regina dos Santos Viegas   |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213095">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213095</a> |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>68</b> |
| A LEITURA DE GÊNEROS DISCURSIVOS – PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO EDUCANDO  |           |
| Marilza Borges Arantes  |           |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213096">https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213096</a> |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>75</b> |
| A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM E DA PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA  |           |
| Clayde Aparecida Belo da Silva  |           |
| Sirlene de Oliveira Mario Inacio  |           |
| Soila Maria Francisco Belo Ramos  |           |


Sara Neves Ribeiro  
Conceição Aparecida Francisco Belo Dias  
Fernanda Luciano Fernandes  
Keila Cristina Belo da Silva Oliveira  
Maria Gabriela do Carmo Sobrosa  
André Silveira do Amaral  
Brunela Lima Borges  
Henrique Freire Simmer  
Rianne Freciano de Souza Francisco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213097>

**CAPÍTULO 8..... 86**

A HETEROBIOGRAFIA COMO CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO: AS HISTÓRIAS DE VIDA E A REFLEXIVIDADE BIOGRÁFICA


Élica Luiza Paiva  
Nínive Alves Lacerda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213098>

**CAPÍTULO 9..... 96**

A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES NA APLICAÇÃO DOS MÉTODOS CENTRADOS NOS ESTUDANTES NUMA INSTITUIÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM QUELIMANE


Rude José Lopes Matinada  
Aderito Barbosa  
Gaspar Lourenço Tocoloa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8592213099>

**CAPÍTULO 10..... 109**

A TECNOLOGIA COMPUTACIONAL A SERVIÇO DO ENSINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO REMOTO


Beatriz Goudard  
Cléia Demétrio Pereira  
Alfredo Balduino Santos  
Tiago Luiz Schmitz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130910>

**CAPÍTULO 11..... 124**

ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DO GOOGLE CLASSROOM NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO PERÍODO PANDÊMICO


Roseli de Barros Andreilino







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130911>


**CAPÍTULO 12..... 138**

ALGUMAS RELEXÕES ACERCA DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jonatan Miotto  
Gladys Denise Wielewski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130912>

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>144</b> |
| AS CONTRIBUIÇÕES DA ARTE DE DESENHAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS   |            |
| Isabelle Cerqueira Sousa  |            |
| Cintia da Silva Soares  |            |
| Tatiânia Lima da Costa  |            |
| Raimunda Cid Timbó  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130913">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130913</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....  | <b>154</b> |
| AS CONTRIBUIÇÕES DOS FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM  |            |
| Fabiana Mazzaro Martins Lerosa  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130914">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130914</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....  | <b>164</b> |
| AS POSSIBILIDADES E OS DESAFIOS DO ENSINO HÍBRIDO À EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA PÚBLICA  |            |
| Maria Lucia Morrone   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130915">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130915</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....  | <b>175</b> |
| CAPACITAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS   |            |
| Wanderlice da Silva Assis   |            |
| Jaziel Vasconcelos Dorneles   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130916">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130916</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....  | <b>187</b> |
| CLUBE DE BIOMIMÉTICA NA ESCOLA: CONSTRUINDO E DIVULGANDO SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS COTIDIANOS   |            |
| Alexandre de Oliveira Rizzo   |            |
| Waldiney Mello  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130917">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130917</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....  | <b>198</b> |
| CONCEPÇÕES DE <i>FEEDBACK</i> E SUA IMPORTÂNCIA COMO UMA METODOLOGIA POSITIVA DE APRENDIZAGEM   |            |
| Janaína Borges de Azevedo França  |            |
| Maria Luiza Batista Bretas  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130918">https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130918</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....  | <b>210</b> |
| DIMENSÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PELO MERCADO DO TRABALHO – UM ESTUDO DO CONSELHO REGIONAL DE ADMINISTRAÇÃO DO PARANÁ             |            |
| Taciana Cordazzo  |            |

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130919>

**CAPÍTULO 20.....223**


DIAGNÓSTICO DAS INTERAÇÕES DIGITAIS E AS POSSIBILIDADES DAS TDICS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO DOS DISCENTES DO 3º ANO DO CURSO TÉCNICO EM SERVIÇOS JURÍDICOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO – IFPB CAMPUS AVANÇADO CABEDELO CENTRO

George de Paiva Farias

Renata Gomes Cavalcanti

Alexsandra Cristina Chaves

Jailson Oliveira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.85922130920>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....239**

**ÍNDICE REMISSIVO.....240**

# CAPÍTULO 8

## A HETEROBIOGRAFIA COMO CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO: AS HISTÓRIAS DE VIDA E A REFLEXIVIDADE BIOGRÁFICA

*Data de aceite: 01/09/2022*

*Data de submissão: 14/08/2022*

### Élica Luiza Paiva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,  
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas  
Vitória da Conquista- Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/8666944922208389>

### Nínive Alves Lacerda

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista- Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/7486455065988452>

**RESUMO:** Esse artigo visa compreender a heterobiografia como dispositivo de (auto) formação, tendo como objeto de estudo a última pesquisa do grupo de estudo e pesquisa Narrativas Formação e Experiência (Naforme), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. Após entrevistarem estudantes, egressos e professores do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo para a produção do documentário intitulado “A travessia da formação em jornalismo: narrativas de vida e experiência em curso”, os estudantes pesquisadores que fizeram esta pesquisa tendo como produto final este documentário se tornaram objeto de investigação da nova geração de pesquisadores da Iniciação Científica do Naforme, por meio da técnica de pesquisa do Grupo Focal. Assim, fazendo parte desta nova geração de pesquisadores e utilizando dos

dados gerados neste Grupo Focal tecemos este estudo que investiga se o acesso às narrativas e histórias de vida de outros sujeitos auxiliam na compreensão da dimensão autobiográfica. Dessa maneira, tendo como base as reflexões do método biográfico, heterobiografia e (auto) formação, tecidas por Franco Ferrarotti (2010), Christine Delory-Momberger (2008), Jorge Larrosa (2002) e Marie-Christine Josso (2004), este artigo pretende analisar a heterobiografia como reflexividade da própria autobiografia. Ao final dessa pesquisa, constatamos que as histórias de vida compartilhadas bem como os momentos vivenciados no Naforme pelos estudantes pesquisadores possibilitaram compreensões sobre a própria dimensão (auto) formativa dos mesmos. Concluímos também que a heterobiografia é uma base na metodologia de ser do Naforme, e que os estudantes pesquisadores se deram conta de que foi formativo escutar outras histórias de vida, ou seja, que a heterobiografia foi um caminho para a (auto)formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heterobiografia. (Auto) formação. Narrativas. Experiência. Histórias de vida.

### HETEROBIOGRAPHY AS A PATH TO (SELF) FORMATION: LIFE STORIES AND BIOGRAPHICAL REFLEXIVITY

**ABSTRACT:** This article aims to understand heterobiography as a (self)formation device, having as its object of study the latest research by the study and research group Narratives, Formation and Experience (Naforme) , at the State University of Southwest Bahia (UESB),

campus of Vitória da Conquista. After interviewing students, graduates and professors of the Social Communication course with a degree in Journalism for the production of the documentary entitled “The crossing of training in Journalism: life narratives and ongoing experience”, the student researchers who carried out this research that had as a final product this documentary became the object of investigation of the new generation of researchers of the Scientific Initiation of Naforme, through the research technique of the Focal Group. Thus, being part of this new generation of researchers and using the data generated in this Focus Group, we weave this study that investigates whether access to narratives and life stories of other subjects helps in understanding the autobiographical dimension. In this way, based on the reflections of the biographical method, heterobiography and (self) formation, woven by Franco Ferrarotti (2010), Christine Delory-Momberger (2008), Jorge Larrosa (2002) and Marie-Christine Josso (2004), this article intends to analyze heterobiography as a reflexivity of autobiography itself. At the end of this research, we found that the shared life stories are as well as the lived moments experienced in Naforme by the student researchers made possible understandings about their own (self) formative dimension. We also concluded that heterobiography is a basis in Naforme’s methodology of being, and that the student researchers realized that it was formative to listen to other life stories, that is, that heterobiography was a path to (self) formation.

**KEYWORDS:** Heterobiography. (Self) formation. Narratives. Experience. Life stories.

## 1 | INTRODUÇÃO

O grupo de estudo e pesquisa Narrativas, Formação e Experiência (Naforme), como o próprio nome já diz, investiga a formação a partir de perspectivas teórico-filosóficas e educativas. A partir da compreensão de leituras que não fazem parte do currículo formal do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), o grupo se propõe a pesquisar a respeito da formação dos alunos do curso.

Dessa maneira, o projeto de pesquisa do Naforme aqui investigado intitula-se *A travessia da formação em Jornalismo: narrativas de vida e experiência em curso*<sup>1</sup>, e está andamento desde 2016. Esse projeto utiliza da pesquisa-formação heterobiográfica como metodologia para investigar as histórias de vida e percursos formativos de alunos, ex-alunos e professores do referido curso. Os membros do Naforme o frequentam de forma cíclica, já que o curso de Comunicação acontece num período mínimo de quatro anos. Há os que estão chegando enquanto outros se despedem do grupo, por terem se formado. Inicialmente, os então pesquisadores em ação, entrevistaram, filmaram e editaram todo material coletado que resultou na produção e exibição do videodocumentário intitulado *A travessia de uma formação*. Posteriormente, esses estudantes pesquisadores se tornaram objetos de estudo da nova geração da Iniciação Científica (IC) do grupo de pesquisa do

---

1 Este Projeto de Pesquisa está em fase de finalização, em 2022. O Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP-Uesb) emitiu parecer favorável à essa pesquisa, em 31 de outubro de 2016: CAAE: 56185816.5.0000.0055.

Naforme.

Esses novos integrantes da IC realizaram um Grupo Focal com os naformeanos egressos - que haviam concluído o ciclo com a produção do videodocumentário - com o objetivo de rememorar e compreender através das narrativas de vida e experiências narrativizadas, como acontece a formação humana, nos processos vivenciais da IC. Assim sendo, este artigo utiliza os dados coletados no Grupo Focal, que são narrativas de vida dos que vivenciaram a IC, no início do projeto de pesquisa, para compreender com e a partir delas, como as histórias de vida coletadas por eles, para a construção do videodocumentário, imbricaram na sua formação. Ou seja, o objetivo do presente estudo é compreender como a heterobiografia emerge, nesse contexto, como um caminho para a (auto)formação.

Desse modo, assim como o Projeto de Pesquisa do Naforme é embasado pelo método biográfico e trabalha na perspectiva da metodologia da pesquisa-formação heterobiográfica (PAIVA, 2018), este artigo é fundamentado nessa mesma perspectiva epistemológica. Para tanto, foram utilizadas as obras de Jorge Larrosa (2002), Christine Delory-Momberger (2008), Marie Christine Josso (2004) e Franco Ferrarotti (2010).

## 2 | HISTÓRIAS DE VIDA

Segundo Larrosa (2002), a compreensão do mundo, do outro e de nós mesmos se dá a partir das palavras. Elas são criadoras da realidade, do pensamento e de tudo que nos traz sentido e experiência:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como denominamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2002, p. 21)

Ao pensar a educação pelo par experiência/sentido, o autor coloca em xeque a falta de tempo, o excesso de informação, de opinião e de trabalho que o sujeito da experiência está submetido. A experiência é, portanto, compreendida por Larrosa (2002, p. 25-26) como um “território de passagem” dotado da “capacidade de formação ou de transformação” de cada sujeito, ou seja, possui um caráter teleológico que nos é singular.

Entender a experiência e o saber da experiência é ir ao encontro da pluralidade de subjetividades; já que é na sua particularidade que o homem dá sentido aos acontecimentos, pois o que lhe aconteceu e o que não lhe aconteceu se tornam dispositivos para a sua formação continuada. Dessa forma, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. (LARROSA, 2002, p.27)

Assim, pode-se pensar que as palavras quando nos agregam sentido, de fato, possibilitam a formação e fazem com que nos apropriemos de nossas vidas ao compreendermos o que nos acontece, tendo assim, a possibilidade de deliberar a esse respeito. Numa perspectiva análoga, Momberger (2008) contribui afirmando que o ser

humano só se apropria de sua vida e, assim, de si mesmo, ao contar suas histórias para outras pessoas. O vivido não é alcançado totalmente, mas as figurações aproximam ao máximo da existência a partir da narrativa do fato biográfico, que é

[...] esse viés, esse espaço-tempo interior, segundo o qual representamos o seu desdobramento, sobre o qual nos situamos, sem conhecer exatamente o momento e o lugar que ocupamos na figura de conjunto que lhe atribuímos. (MOMBERGER, 2008, p.36)

A narrativa é então, matriz fundamental e criadora de nossa história e de nossa identidade. A linguagem das histórias, ou seja, a narrativa do fato biográfico, é o que nos faz ser protagonistas da nossa vida, já que é a partir dela que acessamos de forma atenta tudo o que nos aconteceu e o que não nos aconteceu, sobre o que estamos a narrar. O falar de si representa a existência, é uma figuração narrativa que dá sentido ao vivido, que rememora as experiências e que forma o sujeito da experiência que é um eterno movimento do “ser-sendo” (HEIDEGGER, 1988).

Mais que falar de si, tendo como vista o par singular-universal (FERRAROTTI, 2010), a narrativa biográfica também descreve a sociedade, uma vez que as histórias acontecem “(...) sob condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) às quais pertencemos”. (MOMBERGER, 2008, p.37). E como discutido por autores como Franco Ferrarotti (2010): porque reduzir a especificidade do método biográfico - que tem a subjetividade e a exigência antinomotética como definidores de sua cientificidade - se as inferências sobre o singular atingem um grau de universalidade? Se o ser humano não é um “epifenômeno social”? É partindo desse pressuposto óbvio, embora criticado e reduzido ao longo dos anos, que as histórias de vida são utilizadas, no método biográfico, como dispositivo de (auto)formação.

### 3 | AUTOBIOGRAFIA E HETEROBIOGRAFIA

As primeiras figurações, ou seja, formas de representar as histórias de vida e, assim, desenvolver a identidade do sujeito da experiência, seja por meio da imagem ou da escrita, tiveram início na Europa. Em meados do século XVII, as histórias de vida, retratadas nos diários e nas narrativas de conversão, apresentavam um conteúdo pessoal voltado para a espiritualidade. Temas como vida profana e vida espiritual, questionamento da fé, vontade divina e outros constituíram o berço da narrativa biográfica moderna.

Um século depois, os gêneros romance de formação e autobiografia, ampliaram o entendimento da formação através da escrita. As palavras, ora fictícias, unindo o leitor e o autor na imersão da história de vida do personagem; ora verídicas, numa narrativa retrospectiva correspondente às próprias experiências do autor, respectivamente. Assim, a narrativa de formação, que engloba a escrita do eu e as histórias de vida fictícias compartilhadas, inevitavelmente propõem a reflexividade biográfica tanto do autor quanto



do leitor.

O romance de formação, originalmente denominado *bildungsroman*, conforme explicou Momberger (2008), une o literário ao biográfico, na medida em que atrela a formação do personagem à formação do leitor. Nessa proposta de narrativa, além do aspecto estético da obra; as situações, os conflitos, as relações etc. a que são submetidos o personagem colaboram diretamente para o projeto de existência dos leitores. Da mesma forma que na escrita do eu e no romance de formação o autor volta-se para si, a fim de apropriar-se do seu material biográfico, seja para tecer representações de si mesmo ou de um personagem, o leitor também faz assimilações, dá novos sentidos e pode iniciar o processo reflexivo do seu projeto de vida:

O trabalho da narração (seleção, configuração, orientação), realizado pelo romancista na representação da *história de formação* de seus personagens, é equivalente ao trabalho realizado pelo leitor para dar *forma* à sua própria vida. É por ser *construído* que o romance de formação pode, por sua vez, construir seu leitor. (MOMBERGER, 2008, p.56, grifo do autor).

Assim, a história de vida do Outro, que também está no seu percurso formativo, é exemplo biográfico com potencialidade de vir a ser ressignificado por outra pessoa diante do seu projeto de existência. A construção biográfica, então, entrelaça duas dimensões das histórias de vida, dotadas do par experiência/sentido (LARROSA, 2002): a autobiografia e a heterobiografia.

Enquanto a autobiografia é “(...) um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo” (MOMBERGER, 2008, p.56), a heterobiografia é “um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se (...) onde ela se põe à prova como escrita de si”. (MOMBERGER, 2008, p.62). Portanto, a heterobiografia, que engloba as figurações e as projeções formativas do Outro, é dispositivo fundamental da própria autobiografia.

Ao ouvirmos e/ou lermos histórias ou nos depararmos com outros tipos de figurações sobre acontecimentos biográficos de outras pessoas, inevitavelmente acessamos as nossas próprias experiências, atribuindo-as a novas perspectivas conforme o que pudemos compreender acerca das figurações. Assim, a heterobiografia nos possibilita pensar a *bildung*, a formação.

Da mesma forma que compreendemos o mundo através das palavras e mais ainda, que apreendemos nossa vida ao narrar nossa história, a narrativa do Outro também pode nos agregar sentido e assim, contribuir para o “caminhar para si”, expressão usada por Josso (2004) para designar o conhecimento de si mesmo a partir de uma formação continuada que atribui sentido às experiências formadoras e todas as relações que contemplam o estar no mundo do sujeito da experiência.

Por fim, a heterobiografia nos possibilita alcançar outros saberes de experiência,

saberes esses que são oriundos da perspectiva do Outro e podem vir a somar ou a divergir com as perspectivas que possuímos. É através dela que também apreendemos o mundo e experimentamos, a partir da narrativa do material biográfico de outro sujeito da experiência, uma potencial formação de si.

A recepção da narrativa biográfica mobiliza também o que poderíamos chamar de, referindo-nos a essa teoria da recepção literária, de uma *bioteca*, isto é, o conjunto das experiências e dos saberes biográficos, ou biografemas, do receptor. (MOMBERGER, p.60)

Recepcionamos a narrativa do Outro com a nossa *bioteca*, que contém todas as nossas experiências, reflexões e saberes que foram construídos por nós mesmos a partir do que já vivenciamos. É por isso que, segundo o autor referenciado acima, o contato com a narrativa do Outro desencadeia processos de biografização, pois nos colocamos como sujeitos protagonistas da nossa história quando buscamos compreender outros percursos formativos ao passo que pensamos sobre nossas próprias experiências e, por conseguinte, deliberamos sobre a (auto)formação.

#### 4 | A METALINGUAGEM DO NAFORME

Segundo Delory Momberger (2008, p.62), “(...) a narrativa do outro é, de certo modo, um laboratório das operações de biografização que realizamos sobre nossa própria vida (...)”. Portanto, seja falando de si ou escutando o outro, tudo vem a ser um caminho para a *bildung*.

Com o objetivo de analisar a heterobiografia como um caminho para a (auto) formação, analisamos os dados coletados no Grupo Focal com os cinco estudantes pesquisadores que vivenciaram a IC do grupo Naforme no período de produção do referido videodocumentário intitulado “A travessia de uma formação”. A partir do direcionamento de perguntas feitas pelos novos integrantes da IC, sob a coordenação da professora e coordenadora do Naforme, esta pesquisa visa compreender se os estudantes pesquisadores apreenderam e produziram sentidos, para si, com as narrativas de vida que coletaram para o documentário. Ou seja, se pela heterobiografia os estudantes pesquisadores perceberam um caminho para a (auto)formação.

Dessa forma, abaixo traremos respostas e comentários dos cinco ex-estudantes pesquisadores da IC que participaram como pesquisados, no Grupo Focal. Para tanto, optamos por não utilizar os seus nomes reais a fim de proteger as suas identidades. Escolhemos nomeá-los, de forma aleatória, com letras do alfabeto. Contudo, vale ressaltar que somente as falas mais proeminentes foram trazidas para compor essas compreensões, o que significa que nem todos foram mencionados abaixo.

No momento inicial, ao ser indagada pela nova geração de integrantes da IC a respeito da importância do Naforme para a sua formação humana e profissional, a estudante

pesquisadora B declarou: “Lá (no Naforme) todo mundo vai lhe acrescentar muito à sua formação e a sua formação acrescenta à dos outros também”. Considerando o contexto em que o Grupo Focal foi realizado - que foi narrativizado acima - e, levando em conta essa citação é possível compreender como o método biográfico pode ser colocado em prática e como isso acontece no percurso da IC e nos encontros do grupo. Isso deixa evidente a metodologia das histórias de vida: da formação de um sujeito da experiência que apreende o mundo, sobretudo, com as experiências compartilhadas por outros participantes. Nesse sentido, o estudante pesquisador A completou:

A gente não compartilha somente o que sabe, mas a gente compartilha também o que a gente já viveu, o que a gente já experienciou da vida, e esses são os principais momentos, inclusive, que a gente está se formando aqui no grupo.

A metodologia das histórias de vida do Naforme é dotada de metalinguagem, pois, ao mesmo tempo que se lê sobre formação e há o compartilhamento de narrativas, vivencia-se a (auto)formação e experimenta-se a heterobiografia na troca e recepção dos materiais biográficos. A narrativa das histórias de vida, essencialmente composta pelo par experiência/sentido (LARROSA, 2002), potencializa a (auto)formação, já que:

O trabalho sobre a narrativa de vida oferece como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação por meio de uma mediação de uma reflexão crítica sobre a forma de pensar o seu itinerário experimental e existencial. (JOSSO, 1991 *apud* JOSSO 2004 p.153-154).

Apropriar-se do vivido através da narrativa de vida é transformar a experiência em um saber. De acordo com Larrosa (2008), é preciso se expor e apoderar-se da experiência como um território do devir. Dessa forma, tanto na coleta de dados para o documentário quanto nos momentos de discussão de leituras do grupo, as narrativas se encontram no território da experiência. Esse processo é um fluxo contínuo entre os participantes, de modo que as histórias de vida se entrelaçam e as palavras que auxiliam na compreensão do mundo de um sujeito da experiência passam a agregar sentido e reflexão para outros. Por isso, a heterobiografia desempenha papel singular na construção da autobiografia.

A proposta do Grupo Focal era levar as pessoas pesquisadas a rememorar seus percursos no Projeto de Pesquisa - mencionado anteriormente - para se conectarem a lembranças de experiências que consideravam formativas e partilhar sobre elas, com os novos integrantes/pesquisadores da IC. Ao rememorar as vivências da produção do documentário, a estudante pesquisadora C relatou um momento de identificação com a história de vida de uma entrevistada para o documentário:

Teve uma parte, especialmente, que ela fala (a entrevistada) que fez um outro curso, antes de chegar em Jornalismo, e que ela estava na Universidade, mas não estava porque ela vivia como se fosse uma espécie de “escolão”, onde ela vinha, estudava, depois ia pra casa, e ela não vivia as coisas aqui dentro,

só as aulas, entendeu? E aí isso chamou a minha atenção, porque eu me identifiquei (...). Eu só assistia às aulas e era minha obrigação passar de ano, e acabou. E aí isso me fez pensar que talvez eu estivesse repetindo isso quando eu cheguei na Universidade. E aí me fez tentar mudar isso, viver coisas aqui dentro fora das aulas de todos os dias, tipo: participar do Naforme; pesquisar; estudar outras coisas além do que os professores passavam, porque eu tinha que fazer porque era minha obrigação.

Nessa fala, fica evidente que a escuta da narrativa de vida do outro “(...) não se trata de uma recepção passiva, pois ela põe em movimento uma atividade e um processo”. (MOMBERGER, 2008, p.60). A similaridade entre os mundos de pertencimento entre a entrevistada e a estudante pesquisadora C, no que tange à Universidade e ao comportamento escolar, desencadeou não só uma ressignificação a respeito de algo, mas também despertou uma reflexão crítica sobre o próprio conceito de heterobiografia para a estudante pesquisadora C, que continuou:

Pois é, ela (a entrevistada) estava se formando ainda, e ela tinha percebido aquilo, e aí ela me fez perceber também quando eu escutei ela falando (...). E aí quando eu percebo que faz todo sentido, entendeu? Tipo assim, toda a ideia do documentário, de tudo que a gente estudou, por quê a formação, **da gente se formar com a história de vida do outro**. (grifo nosso)

Segundo Josso (2004, p.73), esse cair em si ou início da “tomada de consciência” é exatamente a transformação de uma vivência em experiência, que “[...] inicia-se quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença.” Assim, através da narrativa de vida da entrevistada a estudante pesquisadora C, consultando a sua *bioteca* de fatos biográficos, pode cair em si e tecer compreensões sobre o próprio momento de pesquisa e formação em que ela se encontrava.

Logo após a partilha da pesquisadora C, o estudante pesquisador A falou com clareza sobre o exemplo da colega, denotando ter também, o saber da experiência em relação à heterobiografia na produção do videodocumentário e na metodologia metalinguística do Naforme:

A gente estava ali pesquisando, mas a gente também estava se formando a partir do que eles falavam, que foi justamente o que aconteceu com C. Ela se identificou na história de vida do outro, na experiência de vida do outro, identificou a sua própria história de vida, e a partir disso ela se moveu em direção a outra coisa, ela buscou trabalhar a sua formação a partir disso. E aí a formação heterobiográfica acontecendo, e é isso que eu acho mais fantástico, porque aqui, nesse exato momento em que vocês, que são pesquisadores de certa forma da “nova geração” do Naforme, estão aqui pesquisando enquanto a gente tá falando, vocês estão... (possivelmente se formando). Esse movimento de formação heterobiográfica, a partir do que eu estou narrando aqui, do que os demais estão narrando, vocês também, potencialmente, podem se formar a partir do que a gente está falando.

Em outro momento, a estudante pesquisadora C destacou: “Óbvio que o que eu falei

agora, eu não percebi naquele momento, mas depois do documentário, depois de participar do Naforme, depois que eu pensei em tudo isso, agora tudo se encaixa”.

Segundo Josso (2004, p.73), “(...) é evidente que as vivências são relatadas, mas contam-nas já devolvendo-nos uma significação, por mais sumária que ela seja”. Afinal, depois de encontrar sentido, experimentar e ressignificar a sua biografia ao ouvir a história de vida do Outro, os estudantes pesquisadores apropriaram-se de suas vidas enquanto exerciam o papel de narrativizar o vivido durante a experiência no grupo Naforme, em particular, o processo de produção do documentário.

Ou seja, o trabalho biográfico que culmina na (auto)formação dos estudantes pesquisadores acontece enquanto os mesmos se deparam com as histórias de vida dos entrevistados, e tem continuidade quando despertam a tomada de consciência sobre a experiência e passam a ser contadores de suas próprias histórias, já que o “território da passagem”, segundo Larrosa (2002), é um território do devir. Por fim, o estudante pesquisador A deu sentido à heterobiografia:

É isso que eu acho mais fantástico, porque aqui, nesse exato momento em que vocês, que são pesquisadores de certa forma da «nova geração» do Naforme, estão aqui pesquisando enquanto a gente está falando, vocês estão nesse movimento de formação heterobiográfica, a partir do que eu estou narrando aqui, do que os demais estão narrando, vocês também, potencialmente, podem se formar a partir do que a gente tá falando.

A experiência de vivenciar esse processo cíclico na IC e compreender pelas narrativas de seus participantes antecessores sobre como a narrativa do Outro é, sempre, um caminho ou, ao menos uma seta que aponta para nós mesmos, foi possível também pela heterobiografia. Como Walter Benjamin já afirmava em *O Narrador*, a narrativa é a forma mais profícua de se aproximar de uma experiência, pela imaginação; de se trocar experiências e, por fim, de se transmutar experiência em sabedoria para a vida que se vive. A heterobiografia permite o movimento formativo humano, em qualquer lugar em que histórias de vida possam ser compartilhadas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas que escutamos e que fazemos de nós mesmos são o que nos fazem compreender o mundo e dar sentido às coisas e ao que nos acontece. Dessa maneira, a (auto)formação, que é um *continuum* que não cessa enquanto houver vida, se potencializa quando entramos em contato com a escuta das narrativas de histórias de vida de outras pessoas, ou seja, pela heterobiografia.

Nesse artigo, a análise de falas de estudantes pesquisadores sobre o processo formativo, que envolveu entrevistas para a produção de um videodocumentário sobre a formação que acontece no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UESB, denota a importância das histórias de vida para o início do projeto de si, do sujeito

da experiência que é capaz de produzir sentido, ressignificar acontecimentos e trabalhar a sua (auto) formação.

Nesta investigação, a heterobiografia enquanto dispositivo fundamental da (auto) formação é constatada em três níveis. Primeiro, na metodologia das histórias de vida utilizada pelo o grupo Naforme, que como foi narrado pelos estudantes pesquisados, possui a dinâmica do compartilhamento de saberes e de vivências a partir de reflexões desencadeadas pelas leituras de textos teóricos e filosóficos que o grupo faz e pelos processos da pesquisa científica. Segundo, a heterobiografia percebida na atribuição de sentido e no saber da experiência dos estudantes pesquisadores ao falarem do que foi apreendido, do que fez ou não sentido, na narrativa dos entrevistados para o documentário. E, por último, a heterobiografia que se deu no grupo focal quando os estudantes pesquisados apreenderam o fato biográfico e se tornaram contadores de suas histórias, para a nova geração de pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Prefácio Pierre Dominicé; Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 33-57.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr.; 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: Setembro de 2020.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PAIVA, Élica Luiza. **Projeto de Pesquisa A travessia da formação em jornalismo**: narrativas de vida e experiência em curso. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Uesb. Resolução CONSEPE n°. 031/2016.

\_\_\_\_\_. **Narrativas de histórias de vida como formação de si**: um jogo com adolescentes do Povoado do Maracujá. Lisboa: Chiado Editora, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 14, 19, 20, 22, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 75, 77, 81, 82, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 113, 114, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 179, 188, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238

Arte 95, 98, 127, 144, 145, 148, 152, 153, 159, 163

Atuação profissional 26, 30, 139, 141

(Auto)formação 86, 88, 89, 91, 92, 94, 95

Avaliação 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 62, 63, 64, 83, 98, 102, 103, 104, 106, 109, 111, 116, 118, 135, 137, 138, 143, 169, 171, 172, 183, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221

### B

Bibliotecários 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Bibliotecas 30, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Biomimetismo 187

### C

Capacitação 71, 114, 133, 135, 175, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 224

Colonialidade do saber 44, 48, 49, 50, 51

Concepções 12, 13, 16, 17, 19, 20, 22, 34, 35, 50, 55, 56, 57, 64, 71, 85, 113, 138, 142, 143, 144, 198, 217

Construtivismo 107, 187, 189

Currículo 1, 2, 9, 11, 15, 24, 25, 34, 42, 43, 44, 46, 50, 51, 52, 54, 63, 64, 66, 67, 87, 96, 97, 102, 105, 106, 107, 108, 139, 169, 171, 187, 189

Curso de Pedagogia 1, 4, 17, 18, 20, 24, 25, 26, 140

### D

Democracia 14, 18, 19, 22, 163, 210, 215, 217

Desenho 82, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 45, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 95, 97, 99, 105, 106,

107, 108, 110, 111, 112, 114, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 178, 179, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 204, 205, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 231, 233, 236, 237, 238, 239

Educação de jovens e adultos 26, 56, 57, 58, 65, 66, 67

Educação inclusiva 59, 164, 165, 172

Educação infantil 9, 14, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 75, 77, 79, 80, 84, 111, 150

Educação superior 3, 4, 23, 44, 105, 178, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Emancipação 44, 49, 58, 129, 217, 220, 221

Ensino 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 46, 50, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 71, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 84, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 154, 156, 158, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Ensino-aprendizagem 31, 32, 34, 37, 64, 96, 99, 124, 127, 133, 134, 136, 139, 141, 143, 188, 223, 224, 233, 236, 238

Ensino de Biologia 187, 190

Ensino de Filosofia 44, 50

Ensino híbrido 115, 136, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 191

Ensino remoto 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 129, 134, 167, 191, 204, 207

Ensino superior 2, 6, 7, 8, 9, 11, 18, 22, 26, 27, 28, 30, 50, 80, 96, 98, 99, 104, 105, 106, 121, 165, 178, 211, 212, 213, 214, 218, 239

Escolas Municipais 56, 57

Escrita 26, 30, 41, 63, 70, 71, 72, 73, 80, 89, 90, 144, 150, 151, 152, 159, 202, 207

Estágio curricular supervisionado 109, 110, 111, 112, 113, 116, 121, 122, 123

Estudante 27, 37, 45, 71, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 119, 126, 127, 128, 129, 132, 134, 135, 166, 168, 169, 171, 199, 203, 227, 228, 231, 234, 235

Eurocentrismo 44, 46, 49, 50, 53, 54

Experiência 12, 15, 36, 51, 62, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 108, 109, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 147, 148, 150, 156, 160, 161, 170, 196, 207, 217, 220, 232, 238



## **F**

Feedback 99, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209

Formação docente 16, 26, 28, 29, 61, 123, 164

Formação profissional 2, 110, 210, 213, 221

## **G**

Gêneros discursivos 68, 69, 70, 71, 72, 73

Google Classroom 114, 115, 118, 120, 124, 125, 126, 132, 136

## **H**

Heterobiografia 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

História da educação 1, 2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 59, 108, 139

Histórias de vida 86, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 95

## **I**

Intervenção docente 109, 111, 116, 117

## **L**

Leitura 26, 27, 28, 29, 30, 58, 63, 68, 70, 73, 80, 101, 106, 111, 115, 144, 145, 148, 150, 152, 163, 183, 214, 216

## **M**

Metodologias 26, 61, 64, 65, 96, 98, 99, 100, 119, 121, 124, 129, 139, 140, 142, 165, 172, 174, 185, 198, 224, 237, 238

Métodos 59, 63, 96, 99, 100, 104, 108, 121, 128, 129, 131, 134, 135, 188, 189, 191, 222, 233, 238

## **N**

Narrativas 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 95, 239

Natureza 32, 49, 68, 70, 71, 106, 121, 155, 158, 187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 217

## **P**

Participação 34, 57, 58, 62, 64, 82, 99, 101, 103, 104, 105, 110, 116, 132, 169, 170, 171, 180, 182, 183, 184, 185, 190, 196, 204, 206, 210, 211, 212, 213, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Pedagogia histórico-crítica 81, 154, 155, 158, 159, 162, 163

Pergamum 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Planejamento 32, 33, 40, 42, 61, 62, 83, 108, 111, 113, 114, 117, 120, 125, 135, 138, 139,

140, 141, 142, 143, 156, 168, 170, 198, 222, 223, 229, 230, 235, 237

Prática pedagógica 36, 41, 61, 64, 68, 70, 71, 117, 118, 127, 138, 139, 141, 142

Práticas de leitura 26, 27, 28, 30

Professor 1, 12, 15, 24, 30, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 63, 68, 73, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 112, 113, 117, 119, 123, 126, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 149, 151, 152, 160, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 188, 189, 191, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 239

Projeto Político-Pedagógico 56, 61

Psicologia histórico-cultural 154, 155, 158, 159, 162, 163

## **S**

Saúde 10, 11, 41, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 125, 130, 137, 178, 182, 204, 205, 207, 208

Sociais 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 28, 29, 33, 38, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 83, 108, 125, 127, 133, 141, 157, 158, 159, 161, 164, 165, 172, 189, 193, 196, 210, 211, 214, 215, 219, 231

Sustentabilidade 83, 187

## **T**

Tecnologia computacional 109, 113

## **U**


Universidade 1, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 44, 50, 51, 54, 56, 66, 67, 75, 80, 85, 86, 87, 92, 93, 95, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 123, 124, 136, 138, 163, 164, 174, 175, 176, 177, 179, 186, 187, 190, 207, 209, 210, 213, 214, 215, 220, 238, 239


# EDUCAÇÃO

ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:


Currículo, políticas e práticas



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# EDUCAÇÃO

ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Currículo, políticas e práticas



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 